



## **BAIRRO DA Balsa: CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS E A CRIAÇÃO DO NOVO CAMPUS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – RS**

Lila Fátima Karpinski – FURG  
Gianpaolo Knoller Adomilli – FURG

**Resumo:** Esta pesquisa trata de uma leitura da vida social e das percepções dos moradores do Bairro da Balsa, Pelotas/RS, em um contexto de conflitos socioambientais desencadeados por injunções de mudanças, envolvendo as condições de vida e a territorialidade destes moradores, principalmente quando se instala o novo Campus da Universidade Federal de Pelotas e o poder público. Compreender como os moradores percebem seu lugar, seus conflitos socioambientais, suas condições de vida, sua territorialidade e o entendimento de educação ambiental são os problemas desta pesquisa. Essas questões estão diretamente ligadas a Educação Ambiental, uma vez que esta trata das relações entre o ser humano e o meio ambiente, permeado pelas relações culturais, políticas e econômicas. Para a realização deste trabalho faço uso etnografia como metodologia de pesquisa. Essa experiência etnográfica me permitiu encontrar, nas narrativas dos moradores, respostas para tais indagações.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental. Conflito. Percepções.

### **O interesse científico pelo tema, o pesquisador e a pesquisa**

Sempre apaixonada pela natureza, sua beleza, sua força e mistério, procurei conhecer e entender um pouco seus movimentos e sua importância para a vida. No ambiente que permite a vida entendi que, enquanto *homo*, exercemos uma relação de troca e dependência com essa natureza, uma vez que necessitamos de sua energia para nos mantermos vivos, entretanto podemos tocá-la e modificá-la. Brandão diz que “não somos senhores do mundo e o que existe à nossa volta é parte de nós mesmos. Somos partilha do fluxo da vida e, queiramos ou não, ela nos impõe as suas regras, os seus preceitos.” (1994, p.40)

Por isso, devemos estar atentos, pois o ser humano não é exterior a terra, e não existe um adaptar-se, o que existe é uma integração com seu meio. Romper com a dicotomia entre homem e natureza é um passo importante para se conquistar o sentido da reciprocidade entre a natureza do homem e o mundo da natureza (Brandão, 1994).

A natureza enquanto ambiente precisa ser preservada e cuidada, mas também, o ambiente social e mental da espécie *homo* precisa ser assistido e sustentado. Nesse sentido, Guattari (1990) nos fala da ecosofia, ou seja, o equilíbrio que deve existir entre o meio ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana, numa perspectiva

de resignificação das relações sociais, culturais, políticas e econômicas. É preciso repensar o nosso modo de vida a partir de um olhar ecosófico.

Localizada na região portuária do município de Pelotas/RS, o Bairro da Balsa vive a realidade da economia mundial. Ali estão perceptíveis as mazelas da administração pública, a falta de projetos de higienização, energia, urbanização, saneamento básico, transporte, educação, saúde, degradação da natureza. O que se vê são as consequências do descuido socioeconômico e socioambiental.

Entretanto, em 2005, esta área começa a concentrar expectativas de uma melhoria nas condições de vida de seus habitantes no momento em que a Universidade Federal de Pelotas, através da Fundação Simon Bolívar, compra o terreno do antigo Frigorífico Anglo para instalar o novo campus.

A partir dessa nova expectativa, pretendo analisar como os moradores da Balsa percebem seu território no contexto social, político e econômico, bem como seu entendimento de educação ambiental e os conflitos socioambientais existentes. Para isso faço uso da observação como primeira fonte de percepção e diagnóstico dos fenômenos, daquilo que acontece a nossa volta, me senti instigada a pensar sobre a situação do Bairro da Balsa.

Partindo das observações de campo, aliando os dados coletados com o referencial teórico, objetiva-se realizar uma leitura da vida social dos habitantes do Bairro, com enfoque em sua territorialidade, envolvendo os movimentos de constituição, crescimento, consequências e riscos que envolvem o Bairro da Balsa no município de Pelotas/RS.

### **Procedimentos Metodológicos**

O método etnográfico será o principal instrumento de investigação. Esse método é baseado na obra de Bronislaw Malinowski que concebe uma obra dedicada à descrição a partir de observações só será inquestionável o valor científico quando “os resultados da observação direta das afirmações e interpretações dos nativos e, de outro, as inferências do autor, baseadas em seu bom senso e em seu discernimento psicológico” (apud, Durham, 1986, p. 10).

A partir das observações empíricas da Balsa e nas orientações dadas por Malinowski, buscarei valorizar as informações e as emoções que os nativos expressam para direcionar minha pesquisa. Como meus estudos realizados durante o curso de Licenciatura em Geografia, foram sobre o município de Pelotas, sua configuração histórica e geográfica, pensei em dar continuidade e apreender ainda mais sua cultura e

suas manifestações sociais, políticas, econômicas e ambientais. Para isso realizei muitas leituras sobre a história e geografia buscando relatos e informações em jornais de épocas passadas.

Para dar continuidade aos estudos, aproprio-me dos métodos da observação participante, da entrevista semi-estrutura e de conversas com os sujeitos. Assim, serão realizadas entrevistas semi-estruturadas com os moradores, representantes de associações do bairro, e dos órgãos envolvidos no projeto de revitalização da zona portuária, tais como a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, Pró-Reitoria de Administração da UFPel, Prefeitura, Secretarias do Planejamento, Meio Ambiente e outras que por ventura surgirem.

Esses procedimentos metodológicos justificam-se na medida em que não pretendem buscar generalizações, nem propostas ou comprovações teóricas. Busca-se destacar as percepções, as significações que os moradores da comunidade da Balsa têm do lugar vivido, os sentidos que o processo globalizante produz, o entendimento de Educação Ambiental e de suas expectativas diante do processo de revitalização da zona portuária pensada pela UFPel, pelo governo local e pela comunidade.

Além desses procedimentos também vou utilizar os pressupostos metodológicos da etnografia que consiste no exercício do olhar e de escutar, colocando o pesquisador numa condição de deslocamento de sua cultura, para se colocar no interior do fenômeno a ser estudado. (Eckert & Rocha, 2008).

Essa prática constitui-se em uma maneira do pesquisador investigar a moral, os valores éticos, as emoções, as intenções e as motivações que perpassam tal comunidade. A observação direta dar-se-á durante as saídas de campo, que a partir do olhar atendo do contexto, marcará aspectos e questões que envolvem o objeto de estudo.

No contato com os sujeitos pesquisados, o pesquisador deve ter sempre em mãos o caderno de notas, uma máquina fotográfica, um questionário semi-estruturado para como norteador das questões centrais. Estes instrumentos possibilitam a liberdade de comunicação entre pesquisador e pesquisado, permitindo a livre expressão de pensamentos, sentimentos e significados.

Para melhor investigar as questões que envolvem as tensões presentes na comunidade da Balsa, pretendo trabalhar com a perspectiva dos *conflitos socioambientais* de Paul Elliot Little, que são as tensões que surgem entre as sociedades, o poder político e o poder econômico.

A etnografia dos conflitos socioambientais explica as bases conflituais e dá visibilidade aos grupos marginalizados pelas políticas públicas governamentais

(Little, 2006). Como os estudos antropológicos trabalham diretamente com muitos desses grupos, essa metodologia favorece a análise das tensões ali presentes.

Nesse contexto de conflitos, segundo Paul Little, 2006, se torna importante a identificação e a análise dos principais atores sociais envolvidos, bem como explicitar os interesses específicos desse jogo. Procurando entender o conflito em sua totalidade, o pesquisador deve realizar um levantamento das intenções e posições de cada ator social envolvido, além de mapear as distintas cotas de poder de cada grupo.

Sendo assim, a etnografia dos conflitos socioambientais torna-se uma ferramenta apropriada para analisar a realidade e as tensões que envolvem os sujeitos da comunidade da Balsa, a Universidade Federal de Pelotas através de seu Programa Vizinhança e a Prefeitura Municipal de Pelotas.

### **Localização do Bairro da Balsa e atores sociais: o contexto da pesquisa**

O município de Pelotas (fig.1) está localizado no Estado do Rio Grande do Sul na sua porção meridional, a 280 km da capital Porto Alegre. Encontra-se numa área com altitude média de 7 m em relação ao nível do mar e sua posição geográfica está entre os meridianos 31° 45' 43" de latitude Sul e 52° 21' 00" de longitude Oeste. Está situada na encosta do Sudeste às margens do Canal São Gonçalo que liga a Laguna dos Patos à Lagoa Mirim, na Planície Costeira. Ocupa uma área de 1.609 km<sup>2</sup>. Seus distritos estão situados na zona alta, Serra dos Tapes. A zona urbana fica na zona baixa, constituídas de várzeas e áreas alagadiças, planície.

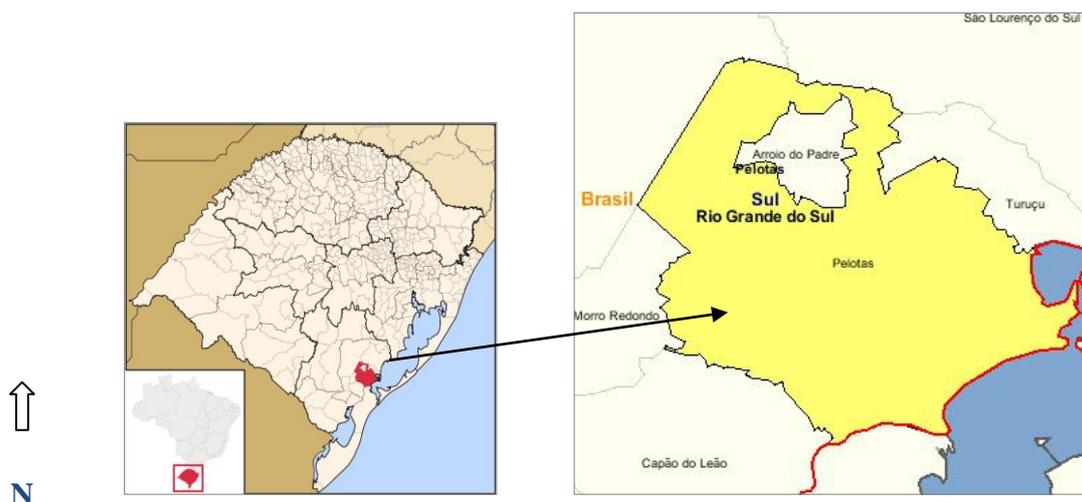


Figura 1 – Mapa de localização atual do município de Pelotas (Fonte: Imagens pesquisadas no *Google* – montagem da autora).

Na zona portuária do município, a margem do Canal São Gonçalo, está localizada a área abordada neste estudo. Mais especificamente (fig.2) a localização da

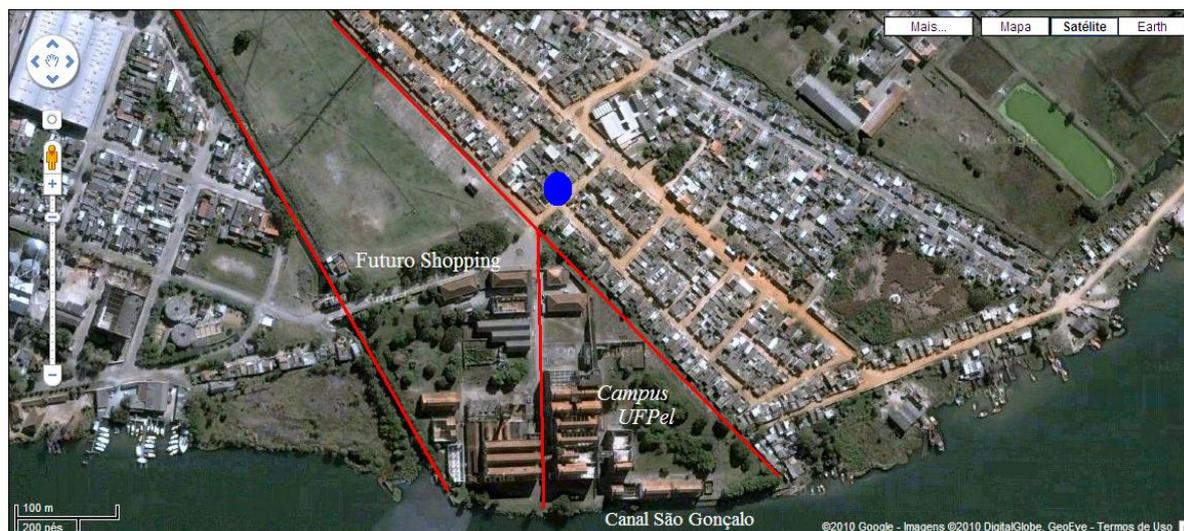


Figura 2 – Imagem do Campus UFPel e da Bairro da Balsa (Fonte: Imagens pesquisadas no *Google Earth*)

Neste estudo procurarei lançar um olhar sobre gestores públicos de Pelotas, através de suas secretarias, tais como a de Gestão Urbana, de Obra, de Habitação, de Igualdade Social, Qualidade Ambiental, Saúde, Segurança, Transporte, entre outras, na busca por projetos direcionados à Balsa. O governo do município com seu III Plano Diretor<sup>1</sup> elenca medidas que contemplam a Balsa. Segundo o Plano o Bairro da Balsa está inserida no sistema de territórios, na macro-região denominada São Gonçalo, na meso-região SG.3 e na micro-região SG3.3 denominada Balsa. É nesta micro-região que se encontra a área comprada pela UFPel e o Bairro da Balsa. O Bairro também está inserido na área Especial de Interesse Social.

O Plano Diretor da Cidade, a partir das AEIS, permite que as regras urbanísticas sejam aplicadas, proporcionando a incorporação do Bairro à Cidade. Nesse caso, o diálogo entre os moradores, a UFPel e prefeitura será fundamental para que ocorra a incorporação dessa zona com a cidade.

Entretanto, alguns conflitos já foram sentidos desde a chegada da UFPel ao território do Anglo, entre eles se pode citar a ocupação das áreas livres – campos de futebol – pelos entulhos da demolição do prédio, a colocação de um muro cego (fig.3) separando a área do Anglo do Bairro, obstruindo a entrada/saída dos moradores.

1 O III Plano Diretor de Pelotas contém as indicações gerais para ocupação e uso do território municipal.



Figura 3: Matéria veiculada pelo jornal Diário Popular, Pelotas, 28 de Novembro de 2009. (Fonte: Acervo da UFPel – Setor de Comunicação Social).

As tensões socioambientais que permeiam as relações entre esses atores serão elencadas e discutidas neste estudo. Não só as já descritas sucintamente neste projeto, mas é possível que outras venham à luz, através da observação, de conversas, de saídas de campo, de entrevistas com cada um dos atores envolvidos.

### **Fundamentação Teórica**

Partindo de uma realidade vivenciada no *lócus*, vejo a necessidade de trabalhar focada nos conceitos de lugar e território em Paul Little (2006) e Milton Santos (1996), dentre outros. O conceito de lugar é entendido como a porção do espaço apropriável para a vida, que é vivido, reconhecido e cria identidade, guarda em si a dimensão da vida, com o tempo passado e presente; é nele que ocorrem as relações de consenso, conflito, dominação e resistência e a recuperação da vida. O lugar é o espaço com o qual os indivíduos se identificam mais diretamente (Santos, 1996).

Por território, Santos (1996) entende que é a porção do espaço definida pelas relações de poder, passando assim da delimitação natural e econômica para a de divisa sociocultural. A visão de Paul Little (2006) é fundamental para trabalhar esta perspectiva, uma vez que o território é produto histórico dos processos sociais e políticos. Na continuidade deste, é essencial abordar a questão da territorialidade que, para Little (2002), é “o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico”, expresso nas multiplicidades e particularidades socioculturais de cada tipo de território, bem como nos vínculos afetivos mantidos com o território e a história coletiva de sua formação.

Esses conflitos socioambientais, segundo Acセルrad (2004), se estabelecem devido à necessidade de controle material de um recurso, nesse caso, o

território. Por isso, identificar o pensamento de cada grupo social será fundamental para encontrar resoluções para a implementação de um planejamento que contemple as diversas necessidades do lugar.

Historicamente, o Bairro teve diversas territorialidades apresentando uma heterogeneidade de segmentos sociais: pescadores, trabalhadores do porto, catadores de lixo, trabalhadores braçais da indústria. Esses processos de modificações territoriais geram impactos socioambientais.

Considerando essa direção, a educação ambiental, que segundo Reigota (2006) é a forma de buscar novas maneiras de pensar e agir, individualmente e coletivamente, frente aos modelos de produção de bens e suprimentos que garantem a sobrevivência da vida humana, se apresenta como uma prática de aprendizado que consiste em aperfeiçoar habilidades no ato perceptivo dos elementos constituintes do mundo, procurando incorporar nos sujeitos a capacidade de captar sinais e signos que movimentam e determinam um território (Carvalho & Steil, 2009).

Junto a esses processos de intervenções antrópicas no meio ambiente surge à preocupação com a sustentabilidade dos sujeitos envolvidos e o próprio território físico, enquanto ecossistema. Nesse sentido, falar de sustentabilidade é fundamental, pois é a garantia de manutenção dos sujeitos e do espaço natural local.

Leff (2007) coloca o desenvolvimento sustentável como não homogêneo. Ele é conflitivo devido às visões e aos interesses diferenciados. Suas propostas vêm com o neoliberalismo ambiental, a construção de uma nova racionalidade produtiva, a visão economicista de um mercado livre, além das propostas tecnológicas de reciclagem e da tecnologia limpa, recodificando a vida e a cultura.

Como o tema central desse estudo é a percepção, utilizo o entendimento do autor Merleau-Ponty (1999) quando diz que a percepção não é somente uma leitura do concreto e do sensível. Ela possui um caráter de fluidez, por isso a diferença na percepção entre o mundo vivido e o da representação. Essa diferença não significa a negação da ciência, mas possibilita uma crítica, nesse sentido Merleau-Ponty afirma:

“A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. A verdade não “habita” apenas o “homem interior”, ou, antes, não existe homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece. Quando volto a mim a partir do dogmatismo do senso comum ou do dogmatismo da ciência, encontro não um foco de verdade intrínseca, mas um sujeito consagrado ao mundo”. (Merleau-Ponty, 1999, p. 6)

No contexto do Bairro o conceito de percepção colabora quando permite uma reflexão e análise das ações do cotidiano, pois ela envolve a vida social, ou seja, os significados e os valores das coisas que decorrem das relações sociais, econômicas, políticas, ambientais, culturais.

A partir dos assuntos anteriormente elencados e de maneira bem objetiva reafirmo meu tema de pesquisa que é o de identificar como os sujeitos percebem o seu lugar vivido diante das propostas de revitalização do ambiente. Nessa direção, objetivo investigar como aqueles sujeitos percebem seu lugar, sua compreensão de educação ambiental, os conflitos socioambientais dos moradores da Balsa.

### **Bairro da Balsa, Frigorífico Anglo e o Campus Porto da UFPel**

O ciclo de urbanização do município de Pelotas teve início em 1779 quando o governador do Continente de São Pedro, José Marcelino de Figueiredo, concedeu ao Tenente Manuel Carvalho de Souza este rincão (Gutierrez, 1993). No ano de 1812, Antônio Francisco dos Anjos doa uma porção de terras para a fundação da Freguesia São Francisco de Paula. No ano de 1832 a freguesia se transformou em Vila e em 1835 foi elevada à cidade. (Magalhães, 2000).

Entre os anos de 1860 e 1890, Pelotas está em pleno apogeu de desenvolvimento econômico, social e cultural (Magalhães, 1993). Esse desenvolvimento era garantido pela produção do charque. Produto que também viabilizou o surgimento de estâncias para criação de gado, ampliando a comercialização desse produto, o qual incentivou a instalação de frigoríficos, tornando-se um pólo referente para produção de carne (Vieira, 1997, p. 119 e 126).

A carne como produto principal da economia local, trouxe muitos investimentos estrangeiros, principalmente, o grupo inglês Vestey Brothers (Anglo SA a partir de 1924). O referido grupo adquiriu o terreno do Anglo que pertencia ao antigo Frigorífico Riograndense, construído em 1917 com investimentos do Banco Pelotense<sup>2</sup>, construindo à beira do canal São Gonçalo um grande complexo industrial que foi inaugurado no mês de dezembro de 1943, nas terras da Charqueada Moreira e teve suas atividades encerradas no final da década de 80 e início dos anos 90 do século XX, transferindo seus equipamentos para São Paulo. Este fato foi marcado pela crise econômica das décadas de 80 e 90 e dívidas bancárias.

O frigorífico produziu e realizou várias exportações durante a Segunda

---

2 Banco Pelotense – instituição de crédito fundada em Pelotas pelos charqueadores no apogeu econômico. O banco teve agências em várias regiões do país.

Guerra Mundial com sua carne e derivados. Nos anos 60 se produziu doces em calda, como as de pêssego, de morango; além de geléias e de conservas de pepino e de ervilha. Essa conjugação entre frigorífico e indústria de alimentos se tornou crescente devido ao aumento da produtividade agrícola do município, empreendido, principalmente, pelos migrantes europeus, italianos, alemães, japoneses e de diversas regiões do estado.

Pelotas passou a se caracterizar pela policultura minifundiária. O cultivo agrícola era baseado na produção de batata, milho, pêssego, cebola, morango, arroz, soja, aspargos, feijão. Essa mudança de atividade, passando da pecuária para a policultura se deve a alguns fatores, por exemplo, a emancipação de distritos (ex: Capão do Leão, Morro Redondo) com pastagens propícias ao gado, a abertura do mercado consumidor interno e externo de alimentos industrializados e o fator que parece determinante, é sua posição geográfica, ou seja, parte da cidade se encontra na Encosta da Serra do Sudeste e parte na Zona do Litoral obtendo uma estrutura geológica caracterizada por solos arenosos, com baixo valor forrageiro e reduzida cobertura vegetal, declarando-se um solo sem nenhuma ou pouquíssima condição de produzir pastagem para alimentar o gado. (Rosa, 1985).

Com a diminuição da demanda de gado, alguns frigoríficos fecharam, mudaram de cidade e outros permanecem até hoje. No caso do Frigorífico Anglo, que fechou suas portas nos anos 90, representou uma crise para o município, pois gerou muito desemprego, direto e indireto.

### **O Bairro da Balsa**

Como consequência da crise que se abateu sobre o comércio da carne, as pessoas foram lançadas à própria sorte. Porém, alguns de seus antigos trabalhadores conseguiram se integrar ao novo setor que estava se consolidando em Pelotas – o comercial (Rosa, 1985).

Contudo, o prédio se manteve como marca expressiva no imaginário pelotense. Símbolo de desenvolvimento, o complexo Anglo, uma área de 12 hectares, foi adquirido pela Fundação Simon Bolívar (FSB), uma instituição de apoio vinculada à Universidade Federal de Pelotas (FSB – [www.fundacaosimonbolivar.org.br](http://www.fundacaosimonbolivar.org.br), em 24/08/2010).

Atualmente, com a aquisição do complexo do Frigorífico Anglo pela Fundação Simon Bolívar e a instalação do Campus da Universidade Federal de Pelotas, surgiu novamente a possibilidade de melhorar as condições de vida dos moradores da comunidade da Balsa. Entretanto, ainda não se sabe como se dará esse processo, de que

maneira a instituição poderá colaborar nesta melhoria, qual será o papel deste órgão para um processo de revitalização daquele lugar.

A Balsa, como no passado, ainda permanece em condições socioambientais precárias. Serviços de transporte coletivo insuficiente, coleta de lixo com pouca frequência, esgoto a céu aberto, ruas sem iluminação e não há pavimentação estes continuam sendo problemas enfrentados pelos moradores. Outros problemas que aparecem frequentemente são a violência e a falta de segurança.

A partir da compra do Anglo, a universidade apresentou projetos de revitalização do complexo e do entorno. Além dos projetos de infra-estrutura, a universidade elaborou o Programa Vizinhança, com o qual pretendem auxiliar a comunidade dos arredores. A retomada da revitalização da área da Balsa visa a melhorias na geração de renda, ao desenvolvimento de atividades coletivas culturais e de ensino, bem como, pretende ajudar na estrutura da comunidade melhorando o saneamento, a iluminação, a habitação e a prevenção de saúde (UFPel – [www.ufpel.edu.br](http://www.ufpel.edu.br)).

O novo Campus da UFPel abrigará além da Reitoria e da Administração, cursos de Nutrição, Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia, Faculdade de Letras, Jornalismo e laboratórios diversos.

Uma medida importante no processo de revitalização será realizar um levantamento e um diagnóstico das reais condições e problemas que permeiam este lugar. Verificar junto às associações de bairro suas opiniões e preocupações frente à problemática socioambiental que enfrentam, bem como, realçar nessas relações práticas de alteridade e ética, prestando atenção nas falas dos sujeitos e seu entendimento sobre os diversos aspectos que estão imbricados em suas vidas.

Esta seria uma prática de respeito e envolvimento dos sujeitos coordenadores desse projeto na busca comum para um desenvolvimento socioambiental baseado no “respeito pelas diferentes dimensões desiguais de uma mesma existência” (Brandão, 1994 – p.26), ou seja, de respeito mútuo entre as partes e suas diferenças, as quais são geradas e regidas pelo mesmo sistema. Para isso, segundo Brandão, há uma necessidade de se manter com o ambiente uma troca, é preciso que haja integração e reciprocidade no reconhecimento dos mecanismos a serem empregados nesse processo de revitalização. (Brandão, 1994)

As relações sociais permeadas pelo capitalismo refletem as problemáticas socioambientais encontradas na atualidade. Estas dizem respeito à maneira como as populações vivem e convivem nas sociedades. Muitas existem dentro de um mesmo

sistema, no caso do capitalismo, as sociedades são múltiplas, com diferentes aspectos e modos de vida. Algumas são bem estruturadas, com acesso à saúde, ao ensino, ao saneamento, à energia, porém outras vivem à margem de tudo isso, além de serem desvalorizadas e desprezadas, desprovidas de atendimento de suas necessidades básicas para viver com dignidade e respeito.

A comunidade da Balsa, próxima do novo Campus da UFPel, também presencia realidade de degradação socioambiental no seu cotidiano. Formada por trabalhadores, pescadores, catadores de lixo entre outros, enfrenta seus problemas socioambientais com perseverança e organização. A comunidade é representada pela Associação dos Moradores da Balsa, que através de abaixo-assinados conseguiu, junto aos serviços públicos, os benefícios de melhorias, como água potável, saneamento, iluminação.

A situação de abandono pelo poder público é enfrentada pelas populações em situação de vulnerabilidade social através de associações, grupos e organizações não governamentais. Estas entidades representam a busca por justiça e igualdade nas condições de vida das sociedades. Enfrentar e incorporar esta luta são uma forma de resistência ao sistema econômico, uma vez que busca uma valorização concreta pela vida humana.

A resistência e a força coesiva dos grupos sociais em busca de bem-estar e valorização da vida pode vir da reciprocidade. Esta pode ser uma força motivadora em busca de parceiros para que cada comunidade colabore na organização de um bem viver do cotidiano. (Durham, 1986)

O Bairro tem uma organização e vida social própria, embora esteja à margem do centro urbano. As condições criadas no lugar permitem que os moradores busquem auxílio mútuo e parcerias para buscar visibilidade, fazer-se ouvir e requerer o direito de uma vida justa e de qualidade.

Pensando nessa valoração da condição de vida humana, é que se acredita que o novo Campus da Universidade Federal de Pelotas e demais administradores público-privados possam juntar-se e projetar novas oportunidades para a população do Bairro. Pois através da união e da cooperação de forças, poderia surgir um grupo social revitalizado, sendo que suas necessidades de melhoria seriam atendidas, surgiria dessa relação perspectivas de melhores escolhas para seus filhos e filhas marcados pela reciprocidade e solidariedade.

Entretanto, após o lançamento do projeto de revitalização, o que se pode observar até agora, foram ações que, de alguma forma, prejudicaram os moradores do

Bairro. Houve a obstrução do campo de futebol utilizado pelas crianças com entulhos de demolição do prédio e a construção de um muro dividindo o terreno da FSB e o Bairro. Embora, este terreno (rua e campo) faça parte da propriedade da empresa, seus responsáveis não poderiam ter simplesmente praticado essas ações sem discutir essa possibilidade com as pessoas que dependem do uso desse trajeto.

O referido incidente é preocupante, pois não houve um posicionamento da municipalidade, até porque a via de acesso ao Bairro acontece através da propriedade da UFPel e está aberta há muitos anos, inclusive encontra-se com camada asfáltica e faz parte do itinerário do ônibus urbano.

Refletir como se dará esse processo, bem como compreender suas ações e consequências, é parte dessa pesquisa, buscando exercer um olhar crítico e atento aos fenômenos socioambientais.

### **Caminhadas etnográficas e os primeiros contatos no trabalho de campo**

Muitas vezes percorri os caminhos e vielas que hoje procuro estudar. Por várias vezes olhei aquele espaço, observei as pessoas, os moradores, as crianças, as residências, os barcos, os pescadores e aquele antigo prédio abandonado, que tem retratada sua história nas grossas paredes, na sua estrutura e no entorno, e me perguntava, porque tamanha estrutura abandonada, deixada lá, apodrecendo?

Conheci a história do Frigorífico Anglo com o Sr. Flávio, um antigo operário do frigorífico, que foi meu colega de sala em uma empresa onde trabalhei antes de entrar no curso de Geografia na Universidade Federal de Pelotas. Com suas narrativas resolvi estudar sua história.

Para melhor vislumbrar a Balsa descrevo um trecho do diário de campo escrito após minha primeira visita focada na proposta deste estudo.

Cheguei de ônibus ao Bairro por volta das 13:30. Desci do ônibus na parada em frente ao prédio do campus, segui caminhando em direção à entrada do Bairro a partir do muro construído para limitar o território da Universidade, mas que possui uma abertura favorecendo os moradores da comunidade na travessia através da Rua Gomes Carneiro em direção ao centro. Assim constatei que a Rua Gomes Carneiro corta o terreno da Universidade, e com isso foi possível cartografar o território pertencente à instituição, ou seja, delimitar que o terreno do campus Anglo parte do Arroio Pepino (Oeste) e termina no muro (Leste), ao Norte limita com o Condomínio Simon Bolívar e ao Sul com o Canal São Gonçalo.

As pessoas caminham tranquilamente, embora o movimento fosse

frequente. A abertura do muro é muito utilizada pelos moradores, já que se tornou uma via de tráfego do bairro para o centro. As ruas não são calçadas e não possuem bueiros ou valas de escoamento da água da chuva. As casas são em sua maioria de alvenaria, algumas estão em processo de reforma ou ampliação. Também observei a presença de pessoas nas residências, as janelas estavam abertas, roupas estendidas no varal, algumas pessoas tomando chimarrão e outras fechadas, sem movimento aparente.

Nesta minha primeira visita, entrei em contato com o Senhor Reni Oliveira de Brito um dos moradores mais antigos e o Senhor João Paulo S. de Brito que atualmente é presidente da associação da comunidade. Estes senhores foram bem receptivos, atenciosos e se disponibilizaram em colaborar com a pesquisa.

Chegando ao estabelecimento comercial do Sr. Reni fui cordialmente saudada. Apresentei-me e no mesmo instante ele se dispôs a conversar. Ele mora há mais de 55 anos no Bairro, criou seu filho e também trabalhou no frigorífico. Falou-me do tempo em que era criança, que pouca coisa existia ali, eram algumas casas e um vazio, só charco. Com o passar do tempo muitas pessoas foram chegando, principalmente para trabalhar no frigorífico ou nas fábricas, procurando residir próximo ao local de trabalho, com isso, muitas casas foram sendo construídas, novos terrenos foram sendo aterrados dando espaço a novas habitações.

Segundo depoimento do senhor Reni, quando da existência do frigorífico, havia uma cerca delimitando o território da empresa, com somente um portão, por onde os funcionários tinham acesso ao trabalho e também poderiam utilizar o mesmo para chegar ao porto, a outras indústrias e ao centro da cidade. Essa informação alertou-me para o atual conflito envolvendo os moradores e a universidade em função do fechamento da travessia. Entretanto, não fiz nenhum comentário.

Continuando a conversa, perguntei como era morar naquele lugar. Prontamente disse ser tranquilo, calmo, há bom relacionamento entre os vizinhos. Mas que também ocorrem momentos de confusão, a polícia aparece, mas na maior parte do tempo é calmo. Também comentou sobre a pouca infra-estrutura, como falta de pavimentação das ruas, a fraca iluminação pública, o caos em dias de chuva, que o postinho de saúde não tem atendimento suficiente, o policiamento vem raras vezes, que há circulação de drogas, que os jovens têm pouca atividade, ficam ali sem fazer nada. Que há um descaso dos órgãos públicos.

Na sequência, perguntei como ele estava sentindo com a chegada da universidade, se tinha expectativa de melhoras para a comunidade. Nesse sentido, afirmou que são boas, pois era um lugar totalmente abandonado, estava estragando, e

agora parece estar melhorando, tem movimento, pessoas indo e vindo, carros, ônibus com mais frequência, a brigada aparece mais. Ele espera que muita coisa boa aconteça de agora em diante, que a tendência é melhorar cada vez mais.

Após conversar com seu Reni, fui até a sede da Associação da comunidade conversar com João Paulo, seu presidente, que relatou um pouco de sua história vivida na comunidade. Ele contou que seu pai foi um dos primeiros moradores do lugar, que tinham uma pequena casa e na volta mais umas poucas construções. Era um lugar de banhados, sem nada na volta. Entretanto, era uma das principais entradas da cidade, pois ali estava a Balsa que fazia a travessia entre Pelotas e Rio Grande, muito antes da construção da ponte. E que por ali chegavam vários produtos para a cidade e outras mercadorias que eram transportados ao interior do estado. Por este fato, João entende que o Bairro da Balsa deveria ser vista como o segundo bairro mais antigo de Pelotas, uma vez que foi a porta de entrada da cidade, por onde chegavam pessoas e produtos.

Enquanto presidente da associação, João tem consciência que este lugar é uma área de risco e precisa ser vista com bastante atenção pelo setor público. Que o lugar necessita melhoras na infra-estrutura, ruas pavimentadas, esgotos, legalização dos terrenos, barreira de contenção para as cheias do Canal. A comunidade precisa ser olhada com carinho e respeito, principalmente porque são pessoas que trabalham e lutam para se manterem.

Fazendo uso das colocações de João sobre a necessidade de um olhar mais atento às necessidades da comunidade, perguntei se ele ou algum outro membro da comunidade foram visitados por algum representante da Universidade, na tratativa de oportunizar melhoria no Bairro. João afirmou positivamente e disse que o bairro faz parte do Programa Vizinhança, elaborado pelo UFPel.

Durante nossa conversa, João disse que os conflitos entre a comunidade e a UFPel, com relação ao muro que fechou a “rua” que os moradores utilizavam para ir ao centro, resultaram em várias discussões e encontros com debates e diversos posicionamentos sobre o tema, inclusive com a presença da mídia. Para João, que é antigo morador, posicionou-se dizendo que entendia a presença do muro, uma vez que sempre existiu uma cerca dividindo o terreno do Anglo e do Bairro, mas que um portão permitia aos trabalhadores chegarem aos seus empregos e aos moradores chegarem ao outro lado.

Sobre esse conflito, João diz que a comunidade está negociando outra via para não barrar a travessia e manter a proximidade do bairro com o centro. Que o local

onde poderia ser criada essa via já está em estudo, provavelmente será ao lado do Condomínio Simon Bolívar, uns poucos metros da atual passagem. Num local que seria cedido pelo proprietário do terreno. Quanto aos órgãos públicos, João, que é funcionário da Prefeitura Municipal, diz que está previsto para o mês de Agosto o início da pavimentação da rua que costeia a terreno da Universidade.

Em outra visita ao Bairro da Balsa preocupei-me em ocupar os espaços por eles frequentados. Neste dia fui de bicicleta, pois estava um belo dia. Percorri algumas ruas, até chegar à praça, organizada pelos próprios moradores, junto ao trapiche. Desci e me sentei sob uma árvore, tomei um gole de água e fiquei a observar o movimento. Algumas pessoas estavam pescando, e crianças olhando. Senhoras caminhavam na volta tomando chimarrão e conversando. Vizinhos falando em frente suas casas.

A praça é um lugar aprazível e tranquila. A gruta com a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes está com flores e velas e algumas oferendas, assim como algumas sacolas e lixo espalhados pelo local. Enquanto estava ali observando, vi algumas pessoas passarem com suas bicicletas carregadas com varas e bolsas rumando a mais um dia de pescaria. Outras pessoas passavam e ficavam olhando, como se questionassem quem era aquela pessoa, o que estava fazendo ali. Mas, logo pareciam acostumar-se com minha presença.

Pela Estrada do Engenho, sigo este caminho até o seu final, em casas de madeira junto ao muro do campus. As residências desta rua estão praticamente às margens do canal, consegui avistar, por entre os buracos das cercas barcos ancorados, redes de pesca e entulhos que não pude identificar. As ruas são de chão batido, sem escoamento da água da chuva, com muitos buracos. A iluminação pareceu ser precária.

Retornei e continuei meu passeio pelas ruas, não conversei diretamente com as pessoas sobre o tema da pesquisa, apenas interagimos de maneira cordial. Durante o dia, o Bairro aparenta calma e tranquilidade, pessoas mais velhas tomam chimarrão em frente suas casas, as crianças brincando na volta, donas de casa estendendo roupas no varal, os comerciantes do local estão com seus estabelecimentos abertos. As oficinas mecânicas em plena atividade. Alguns adolescentes conversando, rindo, ensaiando passos de dança.

Durante a caminhada percebi a inexistência de vegetação. A pouca vegetação que se vê está localizada na faixa entre o muro e as residências e nas margens do canal. O lugar é uma mistura do marrom da terra e do cinza das construções sem pintura, transmitindo uma impressão de abandono. Essas residências são heterogêneas

algumas de madeira, outras de alvenaria e madeira e algumas ainda inacabadas, com reformas, puxadinhos, pátios pequenos, sem pintura, outras sem reboco. Ainda é possível observar prédios antigos que atualmente servem de oficinas ou para guardar entulhos.

Nesses primeiros momentos de interação e conhecimento do espaço da Balsa fizeram-me recordar um pouco da minha infância. Assim como no Bairro, minha rua era de chão batido, as pessoas ficavam em frente suas casas tomando chimarrão, conversando com os vizinhos, as mulheres colocando as roupas no varal, eu e outras crianças brincando. Entretanto, era um lugar com muita vegetação, todas as casas tinham árvores frutíferas, hortas, jardins floridos.

O desafio de experimentar as ambiências do Bairro sugerem novos sentidos criados a partir dos movimentos, dos cheiros, dos ruídos, das casas. Ser e estar neste lugar será uma importante reflexão sobre a percepção das interações sociais, das trajetórias humanas e do espaço vivido e de como ele nos influencia e como cuidamos dele.

## **Referências Bibliografia**

ACSERALD, H. (org) **Conflitos Ambientais no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

BRANDÃO, C.R. **Somos as águas puras**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.

CARVALHO I.C.M. & STEIL, C.A. **O Habitus Ecológico e a Educação da Percepção: fundamentos antropológicos para a educação ambiental**. Revista Educação & Realidade, Set/Nov, p. 81-94, 2009.

DIÁRIO POPULAR. **Protesto contra a construção de um muro na região da Balsa**. Diário Popular, Pelotas, 28 de novembro de 2009.

DURHAM, Eunice R. (Org.). **Bronislaw Malinowski**. São Paulo: Ática, 1986.

ECKERT, C. & ROCHA, A.L.C da. **“Etnografia: saberes e práticas”**. In: Célia Regina Jardim Pinto e César Augusto Barcellos Guazzelli. (Org.) Ciências Humanas: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1990.

GUTIERREZ, E.J.B. **Negros, Charqueadas e Olarias: um estudo sobre o espaço pelotense**. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, Livraria Mundial, 1993.

LEFF, E. **Epistemologia Ambiental**. 4 ed. Revista. São Paulo: Cortez, 2007.

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LITTLE, P.E. **“Ecologia Política como Etnografia: um guia teórico e metodológico.”**  
In: Cornélia Eckert, Ana Luiza Carvalho da Rocha e Isabel Cristina de Moura Carvalho.  
(Org.) Horizontes Antropológicos: Antropologia e Meio Ambiente. Porto Alegre, ano  
12, n. 25 jan/jun de 2006.

MAGALHÃES, M.O. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890).** Pelotas: Ed.UFPEL – co-edição Livraria Mundial, 1993.

\_\_\_\_\_. **Os passeios da cidade antiga: guia histórico das ruas de Pelotas.** 2ª Edição. Pelotas: Armazém Literário, 2000.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** Tradução Carlos A. R. Moura. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

REIGOTA, M. **Educação Ambiental.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

ROSA, M. **Geografia de Pelotas.** Pelotas: Ed. Universitária/UFPeL, 1985.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996.

VIEIRA, S.G. **A Cidade Fragmentada. O Planejamento e a Segregação Social do Espaço Urbano em Pelotas.** Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (UFRGS). Porto Alegre, 1997.

#### **Fundação Simon Bolívar**

<http://www.fundacaosimonbolivar.org.br/projetos.php>, pesquisado em 24/08/2010.

#### **Prefeitura Municipal de Pelotas – III Plano Diretor de Pelotas.**

[http://www.pelotas.com.br/politica\\_urbana\\_ambiental/planejamento\\_urbano/III\\_plano\\_diretor/lei\\_iii\\_plano\\_diretor/mapas.htm](http://www.pelotas.com.br/politica_urbana_ambiental/planejamento_urbano/III_plano_diretor/lei_iii_plano_diretor/mapas.htm)